

# A POESIA NO SISTEMA DE HERÁCLITO

Donaldo Schüler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Résumé

On pourrait s'étonner de l'essai de chercher de la poésie chez un penseur qui a l'habitude d'attaquer les poètes. Toutefois, la compréhension immédiate d'un texte ne décèle pas toujours toute sa vérité. Héraclite offre des ambiguïtés, des jeux sonores, des créations verbales à effet nettement poétique. Il incrimine les lecteurs qui ne sont pas capables de lire les poètes d'une manière convenable et non pas les poètes eux-mêmes. L'adresse de sa critique lui permet également de rejeter la poésie sans invention, dégénérée, la poésie qui n'est pas poétique. En distinguant la poésie dégénérée de celle authentique, il rend à la poésie propre un service précieux. Les déroutements de son jugement sont ainsi largement compensés par des observations fécondes, pleines de défi et d'actualité.

Pode causar surpresa o empenho em procurar poesia num pensador que ataca sistematicamente os poetas. Heráclito não poupa Homero, Hesíodo, Heráclito e Safo, os melhores então. Nem sempre, entretanto, o entendimento imediato de um texto expõe a verdade inteira. Não faríamos justiça a Platão, se nos contentássemos com as passagens em que o autor da República bane os poetas. O caráter fragmentário do legado heraclítico requer atenção ainda maior. A auscultação atenta dos escombros de um sistema portentoso poderá levar-nos a achados valiosos. Começemos com o exame de uma passagem preservada no fragmento 24, aparentemente sem interesse para a poesia.

Os aresfa (d) (l) ados, deuses os honram e  
homens. (B24)

Queremos, com os parênteses, indicar duplo percurso de leitura: Aresfadados e Aresfalados. Entendam-se por Aresfadados os soldados mortos no campo de batalha, domínio de Ares, o deus da guerra. Estes mesmos, epicamente glorificados por seus feitos bélicos, são os Aresfalados. O termo grego que originou os neologismos (Aresfadados, Aresfalados) é *argifatos*. O segundo elemento da composição, *fatós*, pode derivar-se do verbo *femi* (falar) ou do verbo *theino* (matar).

A época de Heráclito repele a exaltação da morte e com ela a poesia épica. Para os jônios dos anos 500, não há bem maior que a vida. Esta comparece glorificada na poesia lírica.

Heráclito, em outros momentos antagonista de Homero, propõe agora, com a leitura de duplo percurso, a manutenção da poesia guerreira sem abjurar os novos ideais de vida. Fazem injustiça a Homero os que o têm na conta de cantor da morte. Ao glorificar os mortos em combate, ele os mantém no convívio social, perpetuando-lhes a vida. A morte física não é a fatalidade maior. A enfática sociabilidade dos gregos vê, na privação da companhia dos homens, a morte que excede a própria morte. Não se pode considerar completamente morto quem goza da honra dos contos épicos, de ampla circulação nas cidades. A morte não é total quando o desaparecido convive preservado na fala. Fadados falados testemunham a convergência da vida e da morte. Mantenha-se, portanto, simultâneo o duplo percurso.

O romance contemporâneo e a epopéia antiga falam de coisas diferentes. O romance fala do que se faz, do ilimitado, da vida sendo e perecível. Mesmo quando, como em Proust, o herói se volta ao passado, traça a indefinível trajetória do seu aniquilamento interior. A epopéia, por apresentar do homem a imagem exterior e acabada, cristaliza-se em vida plena, redime-o da história e o aproxima dos deuses imortais. Eis a razão por que o glorificam os deuses. Estes só mantêm em evidência o que, como eles, se perpetua. O romance fala do aniquilamento da vida, a epopéia canta a extinção da morte. Neste último caso, na concepção de Heráclito, os heróis participam da morte-viva. A voz das Musas exprime a vontade dos deuses de manter viva a memória dos heróis tombados no campo de batalha. Fala heracliticamente Manuel Bandeira ao dizer:

Duas vezes se morre:  
Primeiro na carne, depois no nome.

Os nomes, embora mais resistentes do que a carne, rendem-se ao poder destruidor do tempo como as lápides. Sendo, porém, acolhidos na poesia, os nomes enfrentam o desgaste com enérgica robustez, dádiva, na antigüidade, das Musas. Através das Musas, os deuses honram os heróis e são elas que falam na voz dos poetas.

Se Heráclito considera a poesia lugar adequado ao vigor intemporal dos nomes, como entender a hostilidade do filósofo aos poetas? Devemos acolher a suspeita de que o poeta não reprova a poesia quando feita e cultivada autenticamente. Advertidos desta hipótese, submetemos os fragmentos pretensamente antipoéticos a exame. Focalizemos com este fim o fragmento 56:

Enganam-se os homens quanto ao conhecimento das coisas manifestas aproximadamente à maneira de Homero, que foi o mais sábio de todos os helenos. Pois esse, os meninos o enganavam, ao matarem os piolhos, dizendo: o que vimos e apanhamos, isto largamos, mas o que não vimos e não apanhamos, isto carregamos. (B56)

O mito privilegia a cegueira. Legendariamente cego foi Tirésias, divinamente dotado com percepção penetrante do que ainda não aconteceu para compensá-lo da cegueira com que foi castigado. Tirésias acerta em *Édipo Rei* a causa da peste. O outro cego de renome é Homero, mais tangível do que Tirésias, porque deixou dois poemas, básicos na formação dos helenos. A visão do mundo que Homero impõe, através da instrução, torna-o o mais perigoso dos cegos, eis a razão porque Heráclito o ataca com tanto rigor.

Mas as invectivas de Heráclito atingem antes os leitores de Homero. Homero não é responsável pelo mau uso que dele se faz. Não faltou ao poeta senso crítico nem observação. Ele foi o primeiro a introduzir dúvida fecunda na religião transmitida, e sua atenta descrição dos fenômenos alicerça a preocupação pelo comportamento do mundo.

Os leitores cegos, entretanto, quiseram transformá-lo em porta voz dos deuses. Suas elaborações poéticas deveriam ser consideradas objetivamente verdadeiras. A formação assim orientada degenera em deformação, e Heráclito o denuncia. A cegueira não é para o filósofo nenhuma vantagem. Atribuiu-se aos cegos a capacidade de resolver enigmas<sup>2</sup>. Para ridicularizar esta noção, Heráclito cerca o poeta cego de meninos que brincam com piolhos. Catados e esmagados nas unhas, são jogados fora. Os outros piolhos prosseguem a viagem, protegidos pela cabeleira.

O que os meninos dizem é cegueira para cegos. Vê-se, portanto, que o discurso se torna enigmático quando desprendido dos referentes. Os que fazem de Homero criador de enigmas são péssimos observadores. Os enigmas, por não tolerarem a luz da observação, são cultivados por cegos, que não levam nenhuma vantagem sobre as pessoas que enxergam. Condenado Homero como profeta, Heráclito o salva como poeta. Ao atacá-lo, recorre a uma cena do mundo infantil porque nos meninos se incute respeito sacral por Homero. Anti-homérico soa ainda o fragmento 42.

É claro, o tal Homero deve ser eliminado dos concursos aos golpes e Arquiloco também. (B42)

Palavras de um sacrilégio? Enfim, Homero é festejado onde quer que se fale grego. Heráclito, contudo, não inaugurou a irreverência. Arquiloco já o fizera antes dele, ao modo de outros líricos. Por lhes serem estranhos os ideais épicos do vate por todos idolatrado, os líricos cultivam conflitos interiores. Arquiloco ousa falar de suas próprias fraquezas. A vida lhe vale mais que a honra. Para salvá-la, abandona o escudo ao inimigo. Degradou a guerra ao nível das profissões assalariadas. Dedicou-se a ela para ganhar o pão. E é só.

Entretanto, a linguagem desinibida de Arquiloco não contribui para construir o discurso que acolhe as divergências. O poeta, ao levantar armas contra um sistema, isola-se em outro. Em nome do pensamento dialético, Heráclito ataca a épica e a lírica com igual vigor. Enquanto Homero se perde no inventário de coisas, Arquiloco se afunda na subjetividade. Não há razão para preferências.

A crítica do pensador beneficiou a poesia. Os concursos promovem a competição de excelências. Privada de força crítica, a obra acolhida nos concursos define nos altares da admiração. A desvirilização não fere apenas os autores consagrados, desgasta com igual inércia poetas recentes como Arquiloco. Tomados clássicos, os versos tomam-se patrimônio da classe de prestígio. Demitidos do papel de sujeito, os versos passam a circular como objetos inertes ao sabor das manipulações. No interesse do vigor da obra, convém arrebatar os poetas da classe que os desativa nos concursos. Golpeados e expulsos, falarão no deserto contra os que buscam o conforto dos lugares seguros. Como todo discurso, a poesia se revigora no jogo da contestação. O louvor petrifica com os olhos da Medusa por reduzir o estranho à banalidade familiar. Não compreendida, a poesia revolve a segurança cotidiana, instalando o mistério no território que se julga dominar.

Os leitores competentes, desinteressados em saber quem é o maior, buscam na poesia revelações negadas a outros sistemas. A contradição devolve aos poetas a energia que o olhar admirado lhes tomou. O que pensa Heráclito do cultor de mitos, Hesíodo? Do consagra autor da *Teogonia* diz:

Mestre da maioria é Hesíodo. Este, pensam, sabe mais. Não conhece, entretanto, dia e noite, pois são uma coisa só. (B57)

No fervor anti-escolar e anti-dogmático, Heráclito se excede. Negar a Hesíodo conhecimento adequado do dia e da noite provoca a suspeita de afirmação apaixonada. Nos atos inaugurais da *Teogonia*, a Noite gera o Dia, o que sugere a distinção apenas aparente de seres iguais na essência. Heráclito deve estar pensando numa passagem da segunda parte do poema, em que Noite e Dia jamais freqüentam juntos a superfície da Terra nem se recolhem, ao mesmo tempo, no abrigo subterrâneo. Mas isto não anula a unidade fundamental de início estabelecida.

O que, porém, interessa de fato a Heráclito é desalojar Hesfodo da cadeira de mestre em que a cegueira dogmática o instalou. Venerado como autoridade incontestada, Hesfodo prejudica, mesmo que acerte. Sendo a observação a base do conhecimento autêntico, requerem remoção as camadas cristalizadas ente o sujeito e o objeto.

Diz a respeito de Safo:

Não vês... quanta beleza têm os cantos sáficos, que encantam e seduzem os ouvintes? A Sibila, entretanto, com boca delirante, proferindo palavras sem risos, sem adornos e sem perfumes nos atravessa com voz de mil anos, amparada pelo deus. (B92)

O que nessa passagem é heráclítico? Quase nada. Para os mais rigorosos apenas "A Sibila com boca delirante". Seja. Cremos, porém, que o comentário de Plutarco, a quem devemos a citação, preserva flexões dignas de apreço.

A guerra aos poetas atinge agora o requinte da elaboração textual, que deu relevo a Safo. À sonoridade dos versos escritos Heráclito prefere as palavras rudes da Sibila, voltadas exclusivamente ao conteúdo. O comentário ignora o fato de a Sibila consagrada a Apolo falar também em versos. Instituídos pelo próprio filósofo de Éfeso, recusamos a exclusão. Não aceitamos a alternativa Safo ou Sibila. Reconhecida a oposição, preservamos ambas, como o fazemos com as oposições dia-noite, guerra-paz, fome-saciedade... Bafejado por Pitágoras, que triunfará em Platão, Heráclito privilegia, em certos momentos, a razão em detrimento do corpo, infiel ao seu próprio sistema. Se a razão nos desvenda o que se retrai para além dos sentidos, por que, em nome dela, condenar ritmos, assonâncias e o velado baile dos versos? A leitura atenta do espólio de Heráclito revela, de resto, muitos lugares em que a poesia, com rara felicidade, invade a prosa. É graças à poesia que os saborosos diálogos de Platão resistiram à corrosão dos séculos.

A aceitação simultânea de Safo e Sibila nos permite viver na convergência da razão e dos sentidos, do oculto e do manifesto, do mistério e da luminosidade, da seriedade e do riso, do imorredouro e do perecível.

O que recrimina, enfim, Heráclito nos poetas? O dogmatismo. Mas este se encontra mais nos leitores do que nos poetas.

A poesia tem a mesma origem da filosofia e do mito: o espanto (*thauma*), o olhar admirativo para. O olhar para, por se mudarem continuamente quem olha e para o que olha, conserva viva e não-dogmática a poesia. A poesia resulta endurecida pelos admiradores, por aqueles que tornaram a poesia clássica. Combatendo os receptores e não os poetas, Heráclito nobilita a poesia, ao contrário do que se poderia supor. Sendo comum a origem da filosofia e da poesia, os limites entre uma e outra não se mantêm claros. Preocupações do pensamento filosófico animam também a poesia.

Octavio Paz intitula um dos seus ensaios sobre poesia *O arco e a lira*. É claro que o título lhe vem deste fragmento:

Não entendem que o diferente condiz consigo mesmo: harmonia discordante como do arco e da lira. (B51)

Não é certo que a transferência da comparação para um livro sobre poesia teria a aprovação de Heráclito, já que o filósofo trata com muita aspereza um lírico da projeção de Arquiloque. Mesmo assim, o livro poderia despertar-lhe interesse, visto que Octavio Paz encontra na lírica o que Heráclito lhe recusa. O mexicano elabora para a lírica sugestiva teoria dialética. Segundo ele, contrariamente à prosa, a poesia tem a possibilidade de afirmar simultaneamente o sim e o não. Sendo a ambição da poesia dizer a realidade toda, sem perder nada, ficaria aquém dos seus objetivos lugar alheio a contradições. Enquanto o discurso lógico as exclui, a poesia as cultiva. Por esse caminho, a poesia e a filosofia convergem, mostrando-se a poesia mais filosófica do que muitos tratados.

Estranha convergência a do arco e da lira. Recorre-se àquele na guerra, esta soa em momentos de paz. Como todas as exclusões absolutas, também esta não é mais do que aparente. Os soldados manejam o arco para alcançar a paz, ao passo que os poetas celebram, ao som da lira, façanhas guerreiras.

Percebe-se que a oposição de Heráclito à poesia não é tão absoluta como dá a entender quando combate supostos radicalismos nos poetas. Trazida a poesia, como aqui, para o discurso com-um (*syn-on*), definham os motivos que o levaram a rejeitá-la. Octavio Paz compreendeu bem o filósofo, não se deixando intimidar por ataques ostensivos.

A exploração do significado não contorna as oposições no plano do significante. Tanto o arco como a lira operam na tensão de forças contrárias, e estamos autorizados a estendê-las ao ritmo no trabalho e no texto poético. Damos, então, fundamento ontológico ao que, de outro modo, derivaria para um inteligível formalismo.

Em *syniasin* (entendem), flexão verbal de *syn-hiemi* (enviar conjuntamente, entender) convergem forças contrárias. Juntos andam o saber e o não-saber. O saber progride na companhia do não-saber, vitalizando-se na contradição. Tanto a visão meridionalmente clara como a ignorância absoluta, por excederem a contradição, fogem da órbita do pensamento.

A tensão dos opostos compreende a polaridade do saber e do não-saber operante no texto poético. Todo esforço de dizer se embaraça na trama do indizível. A voz, que soa ao embalo do ritmo, arrasta consigo o silêncio, ventre sombrio de todos os possíveis. A palavra gera o seu próprio diferente que mantém retesado o arco das significações. A lira deixaria de soar, se a paz entre os opostos chegasse, um dia a ser assinada. A noite sustenta o dia na contradição.

Todas as coisas conduz o ralo. (B64)

Tentemos penetrar nessa miniatura em que as metáforas se concentram. Ralo? Será esse o ralo da razão que risca a noite da ignorância? De tudo, a razão demanda o seco, o fogo, em oposição ao aquoso das impressões sensoriais.

O verbo, **oiakizo** (conduzir) convém a carros e barcos. Imaginemos o barco deslizando sobre as ondas na rota que lhe imprime o timoneiro. Vem a tempestade. O raio atinge o barco. Fazendo-o sossobrar, confronta-o com o abismo, com as profundidades. A visão não é a da superfície, do presente, do palpável, do visível, da existência plena. Eis um naufrágio que ilumina.

O raio não é indiferente à criação artística. Diz o poeta Laci Osório:

Arte  
tem relâmpagos inexplicáveis.

Um raio fulminante arrebatará de Édipo o governo de Tebas. A luz fulgurante descida dos céus iluminará a existência naufragada do rei. Sófocles deve aos filósofos a esclarecida interpretação do mito.

O raio iluminará também os passos de vidas não trágicas. A descoberta da verdade atravessa, com frequência, a mente como um raio. Torna-se claro de repente o que obstinadamente se escondia nas trevas da ignorância. As descobertas que marcam o avanço da humanidade aconteceram no estrondo de insuspeitas chispas de luz.

O mito já via no rosto instrumento de poder, por isso o colocou nas mãos de Zeus, sábio condutor de homens e deuses. O delcida Heráclito dá autonomia ao raio. Esse rasga agora poderosamente a noite sem ser vibrado por ninguém. Livre de toda subordinação, o raio se associa ao discurso que, excedendo-nos, ilumina os despertos. Como cintilação da ordem, orienta.

A inteligência dos contrários subverte a tranqüila e caótica existência cotidiana. A luz que fulgara nas mentes em momentos privilegiados governa tudo. Serão raios as nossas breves existências, necessárias para iluminar a terra com luz fugidia? Assim as entende, ao menos, o poeta venezuelano Eugenio Montejo, que na tradução de Sérgio Faraco diz assim:

Dura menos um homem que uma vela  
mas a terra prefere seu lume  
para seguir os passos dos astros.  
Dura menos que uma árvore,  
que uma pedra,  
anoitece ante o vento mais brando  
e com um sopro se apaga.  
Dura menos que um pássaro,  
que um peixe fora d'água,  
quase não tem tempo de nascer,  
dá umas voltas ao sol e desaparece  
entre as sombras das horas,  
e seus ossos de poeira  
se misturam ao vento.  
E no entanto, quando parte,  
sempre deixa a terra mais clara.

Pertinentes à poesia são também as reflexões de Heráclito sobre o jogo.

O filósofo ingressa na roda dos que observam os dados que rolam na chã, lançados por mãos hábeis. A paixão poderá incendiar o olhar de alguns. Não se esperem grandes paixões como as surpreendidas por Dostoiévski em *O Jogador*, os que jogam quando arriscam valores apreciáveis, o que não ocorre em corriqueiras distrações de aldeia.

Seja como for, paixões não atraem o filósofo. Onde outros se entregam ao prazer dos sentidos, Heráclito reflete sobre a vida. Habitou-se a explorar o curso do sol, o fluxo das águas e a tensão dos opostos. O resultado incerto dos dados apresenta-lhe agora o símbolo dos movimentos da liberdade.

A vida é um jovem que joga, jogo de dados: do jovem é o reino. (B52)

Além de todos os dados, percebe um dado que ninguém vê, jogado por mão incerta e que reina no universo. As observações de Heráclito abrem caminho às recentes associações de liberdade e jogo (ou brinquedo) feitas por Freud, Huizinga, Heidegger e Derrida, passando pelo *Lance de Dados*, poema em que Malarmé dissolve a rigidez da sintaxe lógico-discursiva no arranjo livre de constelações.

Resolvamos, antes de avançar, problemas de tradução.

Em geral, traduz-se *país* por criança. Entretanto, como o termo não distingue claramente infância e juventude, *país* designa também o adolescente. Exigindo o jogo de dados habilidades mais desenvolvidas, excluídos estão os primeiros anos de vida. Outras línguas, incluindo o grego, reúnem, num mesmo termo o que nós dividimos em brincar e jogar. Isso nos autoriza a traduzir *paizo* por jogar. Mais acertados estaríamos se disséssemos jogar-brincar. A nossa tradução procura reproduzir as anáforas do original.

Merece registro a introdução do jogo num sistema de extrema logicidade como o de Heráclito, presidido por leis cósmicas, responsáveis pela inteligibilidade do todo. Não houvesse o livre rolar dos dados, compreendido em limites, não se entenderiam pensamento nem operações livres.

A criança-jovem que brinca-joga reina nas invenções poéticas, científicas e teóricas.

As epopéias, as tragédias e os sistemas surgem do livre rolar dos dados. Sem ele, não haveria conhecimento do mundo e de nós mesmos. Nenhum ato livre vem desacompanhado de incerteza. Rigor absoluto, só no que funciona mecanicamente, e nem dele pode remover-se a incerteza de uma pane sem hora nem dia estabelecidos para acontecer. O jogo gera o novo em associações e disposições novas, sem transgredir as leis do sistema. A decadência do jogo congela a história.

A criança dirige a exploração do universo, no qual avançamos lentamente, inexperientes e trôpegos. Nessas andanças, a que poderíamos estar presos, se ignoramos tudo, e quem nos garante que as respostas dadas não procedem de lúcidos enganos? O jogo redime o filósofo de notórios dogmatismos e o preserva para a liberdade que se reinaugura em cada vida.

O risco é menor no jogo | do que na timidez dos precavidos que elegem caminhos há muito trilhados. Estes se estabelecem conformados na derrota antes de ousar o incerto. Destes a vida, voltada ao despertar do novo, se retrai. Chegam, na queda ao aniquilamento que, com a retenção do gesto, queriam retardar. A poesia só germina aos golpes que afrontam a inércia e abrem caminho ao desconhecido. Como se valer de projetos previamente elaborados na exploração de territórios que não se conhecem? Jogo é o método dos que transgridem as fronteiras do saber acumulado.

Ouro, os que o buscam, racham muita  
rocha e acham muito pouco. (B22)

Eis aí outro achado poético de Heráclito, entre tantos. Brinca com as palavras como se fossem objetos. Para se fazer poeta, requer-se o sacrifício da seriedade, caminho ao mundo da criança, ainda não afetada pelas leis que delimitam os possíveis do adulto. O filósofo se diverte com a semelhança das formas verbais **oryssousi** (cavam) e (**heuriskousin**) (acham). Ignorada a aspiração inicial do segundo verbo e a leve oposição de **y** e **i**, a diferença se reduz a duas letras; **s** e **k**. A presença ou a ausência do **n** no segundo verbo não lhe altera o significado. Procuramos reproduzir o efeito com **racham** e **acham**, acrescentando rocha ao jogo para compensar efeitos sonoros como **khryson – oligon gen – pollen**. O jogo provoca a coincidência de achar e rachar. O achar se dá no rachar. (r) achar.

E com essa preciosidade Heráclito combate a poesia – uma parte dela – poesia épica, presença enfática em todos os de sua geração. O pensador hostiliza agora a cautelosa abundância da epopéia. Os poemas homéricos revolvem muita terra (**gen**) (racham muita rocha), sendo deploráveis, para o gosto de Heráclito, os resultados dessa trabalhosa mineração. Em lugar do discurso caudaloso, o estilista explora novos recursos, atraem-no pequenos fios, o pensamento reduzido a plúlas, a frase epigramática.

Todos os que escrevem racham rocha, e os achados que porventura coroam o trabalho ficam muito aquém do esforço investido. A escória se amontoa, e diminutas são, na fusão, as porções de ouro. Heráclito procura reduzir a diferença quantitativa e qualitativa entre as palavras e a verdade, entre os signos e os referentes.

O investigador sabe que os nomes das coisas não são nomes próprios, que designam uma coisa só, apresentando-a como é. Heráclito lida com nomes comuns, não ligados a nada especificamente. Por serem diferentes das coisas a que se referem, as palavras podem levantar montanhas sem dizer nada ou dizer muito pouco. Pior ainda, os homens que se debatem nos cursos inchados do discurso, são afastados da verdade pelo tecido verbal que os devia levar a ela. Para que o fundo dos rios apareça, o nível das águas precisa baixar.

Combatendo a abundância da poesia épica, Heráclito privilegia a expressão concentrada, a economia de palavras, praticada por ele e por líricos, desde Alceu até João Cabral. A rejeição de certo estilo poético não o tira do âmbito da poesia.

O pendor pela economia verbal do filósofo de Éfeso encontra ressonância nas

páginas teóricas de João Cabral. Lembrado da seca, o poeta nordestino hostiliza os poemas caudalosos, que destroem as nuances como o estrondo das cheias. Quer o fluxo restabelecido com trabalho lento, como os illetes que vagarosamente ligam uma poça a outra. As poças textuais dispõem-se como fragmentos de um discurso maior que, no seu contínuo fluir, não alcança a abundância de algum oceano.

A atenção crítica voltada aos poetas não é tudo no sistema heraclítico. Heráclito dá à prosa elevação de poesia. Poético é o cuidado artesanal investido na elaboração do texto, construído com antíteses, metáforas, metonímias, anáforas, símbolos... Poética é a síntese epigramática, fonte fecunda de renovadas significações.

Os fragmentos de Heráclito pertencem aos textos que solicitam a colaboração do leitor. Desafiam como reservatórios de significações adormecidas que, uma vez despertadas, demandam acasalamento com outros discursos para a constituição de prole incontrolável.

Da vida reclusa, cercado de asnos, porcos, lama e feno, banhando-se no rio e vendo o sol morrer na tarde sonolenta – Heráclito passa às turbulentas festas primaveris. Camponeses pacatos reúnem-se, transtornados, na aldeia. Ébrios de vinho, levantam representações descomunais do falo em homenagem a Dioniso. Observa judiciosamente Heráclito:

- Pois, se não fizessem procissões a Dioniso e não honrassem os genitais com hinos, procederiam despidamente.  
Mas Hades e Dioniso são o mesmo, a quem deliram e exaltam nas Lenéias.  
(B15)

Em nenhum dos deuses o contraste se declara tão enfaticamente como em Dioniso. Associado à vida, remove a tristeza, cura enfermidades, desperta o júbilo, anima a dança, oferece riqueza, distribui benefícios. Associado à morte, é deus temido e perseguido, desaparecendo no Lerna, um lago sem fundo que leva ao misterioso mundo das sombras. Violento é o retorno de Dioniso à superfície luminosa. Ninguém lhe resiste. Os celebrantes destroem os que lhe recusam culto. Eurípides, numa de suas tragédias mais bem sucedidas, as *Bacantes*, dramatiza os excessos criminosos das sacerdotizas contra os adversários.

O pensador mantém-se afastado da loucura coletiva. Põe-se a refletir sobre as festas báquicas que periodicamente se repetem. Como entender que pessoas respeitáveis exibam nas celebrações o sexo que normalmente conservam oculto? Como é que os hinos e a procissão festiva altera tão profundamente o comportamento?

Heráclito tem predileção por fenômenos insólitos. Seduzido pelo mistério, nada lhe escapa, nem fatos aparentemente absurdos. Interpreta Dioniso como símbolo da convergência da vida e da morte. O rito báquico exprime o que ele (Heráclito) busca estabelecer teoricamente. Os opostos revelam unidade fundamental. A vida e a morte se conjugam no mesmo deus.

Em Dioniso, a vida brota do fundo misterioso da morte. No bojo cerrado da morte, a vida se desenvolve. O deus do vinho surge com a força da natureza liberta; irracional e violenta, quando arrebenta grilhões letais.

O vinho báquico liga-se, pela umidade, ao irracional e à morte, como também abriga o fogo do saber esclarecido. Convém ver nas muitas alusões à embriaguez e à água a báquica ambigüidade da vida e da morte. As águas letais são também genesíacas. Como tais reproduzem o ciclo da vida.

A mesma observação vale para o sexo. Este ora se oculta ora se expõe. A exibição e o ocultamento descrevem sua contraditória natureza. O que se mostra e o que se esconde é o mesmo membro viril. O sexo oculto está, pela sua inatividade, relacionado com a morte, para tornar-se fonte de vida deverá incendiar-se e se expor. Pode-se, com propriedade, estabelecer paralelismo entre a morte de Dioniso e a letargia do sexo, a ressurreição de Dioniso e a vitalidade do sexo. À semelhança do sexo, Dioniso ora se oculta, ora se manifesta. Vê-se nas cerimônias báquicas que a vida e a morte, o oculto e o manifesto, o pudor e a impudicícia não perturbam a unidade.

Se quisermos acompanhar as reflexões de Lacan, diremos que o falo é a falta, é o que nos falta. Os devotos a Dioniso não exibem o pênis e sim um símbolo. Somos levados a observar a diferença entre o pênis, que não se desprende do corpo, e o falo, o símbolo da fecundidade, exibido na procissão. Ganhamos nova oposição: presença-ausência. O símbolo aponta para o que, ao se mostrar, nos ultrapassa, o fluxo vital que se desdobra em vida e morte. O que os sentidos apanham nos pontos extremos e nas etapas intermediárias, estende-se uno além dos sentidos. Os vários discursos são recolhidos pelo discurso com-um. Deste ausente fala o símbolo nas múltiplas associações que desencadeia. Ninguém tem o falo exibido na procissão, nem homem nem mulher. A existência nos feriu a todos. Todos convalescemos da ferida original.

Heráclito interpreta o culto dionísico com notável jogo verbal. Note-se a semelhança entre *asma* (canto) e *aidfon* (órgãos sexuais masculinos e femininos). O soar do canto corresponde à exibição do sexo. As ressonâncias verbais englobam a morte. *Aides* (o reino dos mortos) significa o invisível. Este significado contamina retroativamente *aidfon* e *asma*. A língua opera aproximação de vida e morte, visível e invisível, sem excluir o pudor (*aidós*) em *analdéstata* (despudoradamente).

Os malabarismos lingüísticos de Heráclito, mostram inolvidável força poética. O adversário dos poetas faz-se poeta. Mesmo aqui coincidem os contrários. A prosa artística, inventada por Heráclito para contestar a fascinação da poesia, retorna à vertente rejeitada.

Da mesma sorte, o mito, contestado pelo paladino da razão, revive no sistema que o desarticula. Na intenção de preservar os jogos de linguagem, apresentamos segunda tradução do mesmo fragmento.

Pois, se não fizessem procissão a Dioniso e não cantassem na fala o falo, cometeriam despudorada falta. Mas o mesmo são o Fatal e Dioniso, a quem exultam nas Lenéias.

Observamos a coincidência da poesia, do mito e da filosofia, no ponto de exclusão. A mitologia grega não morreu, como milhares de outras mitologias, porque se fez poesia e filosofia. O destino de toda mitologia que se opõe a essa dupla e convergente trajetória é morrer sem deixar lápide.

Houve época em que os arquitetos de mentiras se locomoviam impunes. Por serem hábeis, gozavam do favor dos seus, incumbidos que estavam de preservar a herança cultural e de conduzi-la ao futuro. Falavam como se fossem os porta-vozes dos deuses, como se viesse do alto a voz que saltava da alva cerca dos dentes. Cantavam e encantavam. Eram os favorecidos das Musas, os vates venerados, os depositários de remotos heróismos.

Heráclito não distingue mentira e ficção, invenção e mistificação, criação de mundos apenas possíveis e logro. Quer que a linguagem se anule em benefício do objeto, que a autoridade dos poetas passe à mão dos filósofos. Inventor de nova maneira de pensar e dizer, afronta com Intransigência. É a marca dos inovadores.

Importa-lhe responsabilizar os que exercem o poder da palavra. Andam equivocados se pensam que a comunidade os levou a eminências inalcançáveis. A intolerância estigmatiza também os vates. Instaurou-se um tribunal que os julga. Já não profere a palavra absoluta. A palavra autoritária deles é submetida ao exame dos que pensam. A idade da palavra única chegou ao fim. Despontou a época do discurso que se realiza na contradição.

Respeitável é o que o mais respeitado conhece, guarda; a justiça, com certeza, apanhará os arquitetos de testemunhas de artimanhas. (B28)

A justiça não funciona como mecanismo cego. Ela acompanha os que buscam a verdade, mesmo que não sejam reconhecidos como tais nem venham expressadamente incumbidos pela comunidade para exercer o ofício. O caminho deles é espinhoso e solitário, mesmo assim, indeclinável.

## BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BOLLACK, Jean e WEIMANN, Heinz. **Héraclite ou la Séparation**. Paris, Minuit, 1972.
- ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- FRÄNKEL, Hermann. **Wege und Formen Frühgriechischen Denkens**. München, 1960.
- FÜHRER, Rudolf. **Formproblem-Untersuchungen zu den Reden in der Frühgriechischen Lyrik**. München, Beck, 1967.
- GREIMAS, A.J. et alii. **Ensaio de Semiótica Poética**. São Paulo, Cultrix, 1976.
- HILDEBRANDT, Kurt. **Frühe Griechische Denker**. Bonn, Bouvier, 1968.
- HÖLSCHER, Uvo. **Anfängliches Fragen**. Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1968.
- KRISTEVA, Julia. **Semiotiké**. Paris, Seuil, 1969.
- LACAN, Jacques. **Ecrits**. Paris, Seuil, 1966.
- MONDOLFO, Rodolfo. **Heráclito**. México, Siglo XXI, 1966.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- REINHARDT, Karl. **Vermaechtnis der Antike**. Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1966.
- SEGRE, Cesare. **Os Signos e Crítica**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SCHADEWALDT, Wolfgang. **Der Aufbau des Pindarischen Epinikion**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966.
- SNELL, Bruno. **Gesammelte Schriften**. Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1966.
- TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e Poética**. São Paulo, Cultrix, 1971.